



A flor e a morte

ERNESTO RODRIGUES¹

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



A flor diz à morte:

– Vê, amiga, como dança,
em pé leve, corpo fino.
Minha pele é tão branca,
que, nela, leio destino.

À flor diz a morte:

– Lês, amiga, quanto eu
vim riscando nessa dor.
As folhas do teu diário
são por mim escritas, também.

– Quem és, amiga, que, negra,
sobrevoas cerejeira,
donde me solto, por regra,
feliz, em flor, de maneira
que me vês sem amanhã?

– Sou quem executa corte
de pé leve, corpo fino,
e suspende brisa frágil,
como palavra sem leito,
num rio de tinta vil.

– Ao vento dou meu perfume:
em troca, vento me leva;
não sei como se resume
dia bom em clara treva,
que saber é guerra vã.

Assim à noite falou,
um dia, flor branca de
um mar em turva corrente,
as ondas ciliciando,
que dobravam corpos ao
vento perfumado. Não

vi a sorte que lhe coube,
mas adivinho, se, pura,
flor à morte diz,
diz a morte à flor:

– Quem sou, que me precipito
na tua eternidade?

Oeiras, 27-I-2004

Recebido: 10 de março de 2011.
Aprovado: 15 de maio de 2011.

¹ Ernesto Rodrigues (1956) estreou-se com um livro de poemas em 1973. Também ficcionista, tradutor de húngaro, crítico literário e ensaísta, é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.